

# Revolução



**SÓ OS TRABALHADORES PODERÃO  
DESARMAR E VENCER A REAÇÃO!**

Número 17

19 de Outubro

Preço por exemplar: 2\$50

Semanal

DIRECTOR INTERINO: ISABEL DO CARMO  
Apartado 4117

Telefone 710852

Lisboa 4

Composição e Impressão:  
Mirandela & C.ª

Rua Vitor Gordon, 27, 1.ª

Lisboa

Distribuidora:

Internacional - Rua de S. Pedro de Alcântara, 83, 1.ª - Lisboa 2

SEMANAL



# Revolução



PORTA-VOZ DO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO — BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

## PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

### UMA CARTA SOBRE "O RAIÃO"

Camaradas:

Li a vossa advertência ao semanário RAIÃO e tanto eu como vários colegas logo tencionámos escrever-vos para vos dizer o melhor para vos confirmar que se trata de um jornal da mais reles burguesia oportunista. eu que assino sou de perto da Covilhã e estive na Guiné quando lá esteve o director do RAIÃO. Tal individuo sempre foi um colonialista, como se prova com o pasquim que lá fez. Disse que guardou o Capitão Peralta de quem era amigo. É mental Ele, Ilharco, era da Polícia Militar, era furriel e foi despromovido por maltratar os nativos, a negralhada como ele chamava. É um intrujão profissional.

Agora outro assunto: convidou quatro tipos que disseram ser do Movimento Libertário depois de fazer as perguntas que quiz e de escrever o que lhe apeteceu veio dizer que eles são uns inconscientes, no próprio jornal. Então se era assim para que os ouviu?

O tipo aproveita todas as ocasiões para agradar aos galinhas do MDP que até o nomearam secretário. Na Covilhã ninguém o leva a sério e os verdadeiros revolucionários dão-no ao desprezo. Dos meus dois irmãos que são operários o António já lhe disse cara a cara que ele é um sabujo, engraçador do patrão que lhe paga bem para fazer todos os fretes.

Agora a pergunta — quem é o patrão o dono do RAIÃO?

É o Jorge Craveiro de Sousa, aderente ao 25 de Abril em 27 de Abril. Era em 24 de Abril legionário com armas em casa, sempre protegido pela benemérita GNR; Até no dia das eleições em 1969 foram dois guardas para o quintal dele no Tortozendo guardar-lhe a casa contra os bandidos operários. Agora armou-se em defensor do PC e até o sr. Álvaro Cunhal deu uma entrevista ao RAIÃO mas então naquele partido tão bem organizado não há quem tenha olhos ou é só ver as conveniências e aceitar a colaboração de fascistas disfarçados?

O Jorge Craveiro era em 24 de Abril presidente da Câmara da Covilhã e informador da Pide está vivo. Agora escreve contra os reaccionários e o vendido que tem ao seu serviço (Ilharco) gaba-se que quer ajustar contas com os esquerdistas, o sujo que toda a gente conhece pela sua vida escandalosa.

A gente a sofrer os enxovalhos dos burgueses e tipos como estes a quererem viver à nossa custa a falarem em defender os operários quem defendem eles? É triste. Mais triste é que alguns operários só para vir o nome no jornal vão fazendo o jogo destes trufalhas.

Era bom que a REVOLUÇÃO mandasse um redactor à Covilhã mas em segredo sem dizer nada a ninguém e observar no Montiel o Ilharco a comer e beber com todos os revisas e reaccionários, todos se entendem muito bem, aquilo é uma terra de se tirar o chapéu.

Saudações revolucionárias.

J.V.C.

Camaradas:

Com as minhas saudações revolucionárias, mais uma vez escrevo sempre desejo de manter uma ligação cada vez mais directa com os verdadeiros revolucionários.

Infelizmente não possuo aquelas aptidões que me permitam uma discussão cabal dentro dum assunto que me faz viver com toda a força da minha alma de revolucionário, por isso me dirijo sempre que posso ao porta-voz dum organização que admiro sobremaneira.

Estou de certa forma inquieto, pela maneira da acção da esquerda revolucionária que devido a um certo immobilismo permite à organização reaccionária que se mobilize e lhe dê tempo de planear acções que por certo, lhe irão minar e

germinar infalivelmente todo um sector corrupto e na disposição clara de manter intacto o seu poder.

Parece-me contraproducente no momento a retórica mais ou menos polémica que se trava na esquerda, que apenas serve os interesses daqueles que todos os revolucionários odeiam os exploradores; estou convicto de que só uma esquerda unida ao lado dos trabalhadores poderá levar por diante o aniquilamento da sociedade capitalista, seguir ideologias rígidas, procurando um isolamento ideológico, apenas traz um enfraquecimento no seio dos trabalhadores e dessa forma a desunião e a confusão. Estou convencido de que a esquerda revolucionária irá procurar um entendimento para assim frutificar a

Camaradas:

Tomei conhecimento do vosso jornal há umas semanas e tenho-o lido regularmente desde aí.

Da vasta imprensa anti-reformista que tem aparecido desde o 25 de Abril o jornal Revolução parece-me ser um dos que mais correctamente interpreta a situação política actual.

Estamos de acordo quanto ao apoio crítico a dar ao M. F. A. e ao Governo Provisório, apoiando as medidas populares por estas tomadas e combatendo as anti-populares (lei anti-greve, lei da informação, ocupação da TAP, proibição de manifestações populares e tantas outras); concordo também com a necessidade da organização autónoma dos trabalhadores, pois só assim estes poderão defender e lutar pelos seus verdadeiros interesses e "fugir" à liderança da pequena burguesia. Estou inteiramente de acordo quanto à actual etapa da revolução a Revolução Socialista.

O desenvolvimento das forças produtivas e a situação política que vivemos em Portugal não justificam que a etapa histórica seja a Revolução Democrática e Popular como defendem algumas organizações da Esquerda Revolucionária.

Gostaria ainda que me enviassem propaganda que me ajudasse a esclarecer este problema e a apreender melhor a linha política que defendem.

Saudações Revolucionárias.

J. M. S. S.

luta de forma a uma acção conjunta que todos os trabalhadores anseiam.

Sabendo todos nós que num sistema capitalista, que dizendo-se revolucionário, apenas tenta ganhar tempo para continuar a desferir golpes sobre os trabalhadores, é necessário e urgente uma vanguarda revolucionária para enfrentar de forma concreta os golpes que irão continuar com mais violência e ódio pelos reaccionários fanáticos; não tenhamos ilusões que não serão estes governantes que farão justiça, só o Povo porque só ele sofre as agruras as vicissitudes dum exploração ignóbil e afrontosa à dignidade humana; é com amargura e tristeza que vajo esquecer este momento onde uma onda revolucionária avassala o povo e não é aproveitada para lançar a fúria revolucionária que iria atear a fogueira que continua apagada. Camarada como revolucionário quero aqui expressar todo o meu apoio e total entrega à causa que defendemos, estou convosco assim como estarei com todos aqueles que acima de tudo põem o homem como homem e não como coisa.

Com um forte abraço revolucionário

J. M. B.

## ÉVORA

### À Classe Operária À População do Distrito

Como é do conhecimento público, estava preparado para o passado dia 28 de Setembro, uma manifestação fascista encapitada por uma pseudo-"maioria silenciosa" que a partir daí tentaria pôr em prática um contra-golpe reaccionário, encharrando uma vez mais de sangue as ruas de Portugal.

É também do conhecimento geral, o apoio dado a esse contra-golpe pela alta finança com quem se encontravam em estreita ligação alguns responsáveis pela "Democracia" nascida do 25 de Abril.

E não fôra a forte movimentação popular, a vigilância nas estradas dos piquetes e grupos de trabalhadores revolucionários armados em vários pontos do País, a acção dos sindicatos, a acção dos sectores progressistas do MFA, provavelmente a classe operária e os trabalhadores portugueses tivessem sofrido a mais dura de todas as derrotas.

Mas a reacção não desarma o perigo de novo golpe em qualquer altura é eminente. O capitalismo recorrerá aos meios mais violentos para evitar o avanço dos trabalhadores portugueses na construção do socialismo.

Há que estar vigilantes. É necessário que se organizem o mais breve grupos de vigilância revolucionária, independentes dos partidos políticos, que os trabalhadores se organizem dentro das fábricas, nos campos, nos locais de trabalho e que dessa organização nasça a resposta à violência capitalista, a violência revolucionária.

O primeiro balão de ensaio "furou". Novos truques serão tentados pelos grupos fascistas ainda à solta. Há centenas de PIDES em Espanha prontos para actuar, a alta finança apoiará tudo que possa defender o seu saque diário sobre as classes trabalhadoras.

O PRP-BR como instrumento a utilizar a todos os níveis pela classe operária, está incondicionalmente a seu lado. Antes e depois do 25 de Abril. Sabemos que a democracia burguesa não poderá nunca estabilizar no nosso país, sem recorrer à repressão brutal sobre os trabalhadores. O dilema que se põe é fascismo ou socialismo.

Por isso a hora é de vigilância e de avanço, recuar é morrer. A hesitação, o comodismo, o sonho idealista de que as liberdades fundamentais bastam é fazer o jogo que levará a uma catástrofe idêntica à do Chile.

**LUTEMOS PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA  
LUTEMOS PELO PODER DOS TRABALHADORES  
MORTE AO FASCISMO!  
ABAIXO O CAPITALISMO!  
PELA DITADURA DO PROLETARIADO.  
Évora, 10 de Outubro de 1970**

**ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE ÉVORA  
DO  
PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO  
PROLETARIADO — BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS**



**V.I. LENINE  
DO ESTADO**

*à venda*

10\$00

edições REVOLUÇÃO

O capitalismo português, impossibilitado que foi de triunfar do golpe "maioria silenciosa", preparado ao que parece por cabeças portuguesas e estrangeiras (CIA), prepara outros golpes.

O "Governo" no exílio pode não ser tão ridículo como tudo isso e pode ser uma tentativa para arranjar estrutura para apoios estrangeiros.

A conjugação dos "políticos" e dos financeiros é bem a imagem do capitalismo português, que rapidamente assume a face fascista.

— Perante isto, impõe-se a NACIONALIZAÇÃO DOS BENS CHAMPALIMAUD.

A NACIONALIZAÇÃO DA SIDERURGIA



# SOCIALISMO COMO E PARA QUEM ?

Passado que foi o susto que sofreram durante algum tempo e que atingiu o auge aquando do 28 de Setembro, logo as organizações reformistas voltaram a agitar a bandeira do eleitoralismo.

Estamos, pois., a viver o mesmo ciclo que foi do 25 de Abril ao 28 de Setembro: a aposta no legalismo, no eleitoralismo e no parlamentarismo, aposta essa baseada na pretensa possibilidade de consolidação da democracia burguesa. Só que, com o correr dos tempos, a evolução da situação objectiva torna clara a impossibilidade de materializar a dita consolidação. E com o aprofundar da crise económica e social, com o agravamento da instabilidade política, aproveitadas pelas direitas (fascistas e fascizantes) cada vez mais organizadas e audazes, os membros do voto começaram a retirar-se no seu projecto de vencer o fascismo através das eleições.

Ora tendo o 28 de Setembro colocado as grandes forças conservadoras e do capital financeiro na única via que lhes resta - a tentativa de instauração do fascismo pela força - o reformismo não foi capaz de criar outra alternativa que não seja a corrida às urnas, eleições em que ele mesmo já não acredita.

A ninguém surpreendeu as enormes fugas de capitais, a falta de investimentos capazes de proporcionar a ultrapassagem da profunda crise económica, como não surpreendeu o aumento do número de desempregados, a subida em flecha da taxa de inflação. Inevitável também o agravamento das tensões sociais e políticas.

Neste esquema será, como é óbvio, permanente o "trabalho" de sabotagem do grande capital. E se-lo-á tanto mais, já o dissemos, quanto maiores forem os meios-económicos, financeiros e políticos - de que dispõem.

## GANHAR POSIÇÕES

A direita está a sabotar e VAI ATACAR:

O que há a fazer, não é recuar (seria uma das formas de suicídio), não é submetê-la através de eleições (seria suicídio à chilena), é procurar conquistar meios e posições para que o ressurgimento do fascismo não passe da tentativa.

Ora um dos meios que é necessário retirar à reacção são os grandes meios de produção e a banca, sem o que o grande capital poderá sabotar quando e como quiser, sem o que o grande capital fará toda a espécie de pressões políticas.

Disto devem estar conscientes os trabalhadores e é nesse sentido que devem lutar. Esperar que alguém por eles se encarregará de desarmar a reacção é além do mais, desaproveitar aqueles que podem e querem trabalhar a seu lado nesse sentido.

## A SOCIALIZAÇÃO DE EMPRESAS

Só os trabalhadores libertarão os próprios trabalhadores. Só os trabalhadores poderão desarmar e vencer a reacção.

Por isso devem EXIGIR a nacionalização da banca e dos grandes meios de produção. Mas não só: devem EXIGIR igualmente a respectiva SOCIALIZAÇÃO, isto é, que a gestão das empresas nacionalizadas esteja a cargo dos respectivos trabalhadores.

Este é um dos mais importantes combates a travar. Esta é uma das medidas que, retirando, de facto, poder ao grande capital, contribuirá para o fortalecimento e organização das classes trabalhadoras, será um grande passo em frente para a REVOLUÇÃO SOCIALISTA

com a tomada e controle dos poderes político e económico pelos próprios trabalhadores.

Lutar contra o desemprego não é tarefa que apenas interesse aos desempregados, é travar um combate importante para toda a classe na medida em que vai ao encontro dos seus interesses materiais e políticos.

Mas, ponto fundamental, é necessário que na luta por estes e outros objectivos se seja intransigente na luta contra dirigismos estranhos à classe, é necessário reafirmar na prática as Assembleias de Trabalhadores como órgão deliberativo máximo.

## O PAPEL DA PEQUENA BURGUESIA

Muitos têm sido os namoros feitos por múltiplas organizações à pequena burguesia. Do PPD ao PC passando pelo PS e, aqui e além, pelo MES, toda a "minha gente" se preocupa com a sorte das pequenas empresas, estuda maneiras de lhes aliviar a vida, armam-se mesmo em seus protectores.

São as cooperativas, são os subsídios.

E são também, e sobretudo, as eleições. Com efeito, toda esta propaganda - porque é principalmente propaganda - não visa senão a conquista de um número tal elevado quanto possível de eleitores. E como os pequenos proprietários são eleitores...

É um facto que as cooperativas de pequenos industriais, comerciantes e lavradores, servem os seus interesses imediatos, na medida em que possibilitam maior capitalização, maior produtividade, eliminação de intermediários, melhor planificação da produção, melhor defesa no domínio da concorrência.

Mas é verdade também que as cooperativas dentro deste sistema

serão empresas capitalistas. A concorrência leva a que haja necessidade e taxas de produtividade que, tendo em conta as insuficiências dos meios de produção, implicam um enorme esforço de produção que, tendo em conta as insuficiências dos meios de produção, implicam um enorme esforço de produção por parte dos respectivos trabalhadores. E como o demonstra a experiência, breve aí se produz mais-valia.

## T E R C E I R A V I A -UM ALÇAPAO

Politicamente, esta solução não é mais do que a criação dum grupo económico em miniatura. E é exactamente pela impossibilidade de um são cooperativismo em sistema capitalista que o PRP-BR não advoga a sua promoção, salvo casos excepcionais que não implicam a relação patrão-assalariado no seu seio.

A política reformista é - oh triste miopia - a melhor maneira de levar a pequena burguesia a inclinar-se para a direita. Isto, porque as soluções preconizadas mais não fazem do que abrir à pequena burguesia perspectivas de tipo capitalista.

Ora num momento em que se caminha para um confronto decisivo, é criminosa a condução dum política que, no momento de opção, aponte à pequena burguesia a saída capitalista (neste caso fascista).

Os subsídios vão também neste sentido. Não solucionam nada em definitivo, e fazem crer ao pequeno proprietário ou aspirante a tal que o subsídio para o privado agonizante é possível como solução. O que é falso, pela simples razão de que o desenvolvimento da sociedade, em capitalismo ou em socialismo, leva à morte a pequena empresa incapaz de acompanhar o ritmo de produção, a qualidade da produção ou de cumprir o seu papel social.

Nas sociedades capitalistas industrializadas, o pequeno proprietário é um super-explorador de mão-de-obra e/ou um moiro de trabalho. Efectivamente, ou têm empregados que têm que produzir

mais ganhando menos e com menos regalias e condições de trabalho do que se trabalhassem directamente numa grande empresa, ou não há empregados e então é o próprio que se vê obrigado a horários que frequentemente ultrapassam as 10 horas de trabalho diário acrescidas com todo o aturado estudo da sua actividade a fim de preservar o seu frágil equilíbrio.

A propaganda eleitoralista que pretende ser possível asobrevivência da pequena empresa é, pois, um logro.

## A OPÇÃO ESTRATEGICA

E é tanto mais logro quanto, postas as coisas no seu devido lugar, se verifica que tal política é mesmo profundamente contrária aos interesses da pequena exploração. Por paradoxo que pareça, a sua protecção imediata, de acordo com uma estratégia reformista, é a melhor maneira de atrair os seus interesses mais profundos, na medida em que não sendo possível uma terceira via e pondo-se o dilema em termos de ou fascismo ou Revolução Socialista desvia a pequena burguesia da segunda e coloca-a ao alcance do primeiro.

Sendo o dilema ou fascismo ou Revolução Socialista, o pequeno empresário só tem perante si duas hipóteses por onde optar: ou a sua proletarianização em sistema capitalista ou a sua proletarianização em sistema socialista. Isto significa que terá que escolher a melhor de entre duas mortes: ou ser proletário trabalhando para outrém, ou ser proletário participando da gestão da empresa e do poder político.

Este o dilema a que não é possível esquivar-se. Esta a opção que dentro em pouco terá que fazer. E como o Chile o demonstrou (o processo de concentração, portanto de aniquilamento da pequena empresa acelerou-se extraordinariamente depois do golpe fascista de Pinochet) alimentar ilusões sobre uma suposta terceira via é caminhar para a pior das hipóteses.

Mesmo que, como recordação fique uma vitória eleitoral!

# P.S.P. "Programa de Emergência"

As "saídas fáceis" para os problemas que se colocam nas sociedades capitalistas sempre exerceram especial atracção sobre as mentalidades pequeno burguesas que o capitalismo gera no dia a dia. Se as "saídas" do Partido Socialista se mostraram mais inteligentemente elaboradas, mais lúcidas, "mais abertas" do que as habituais "saídas" dogmáticas, sectárias e triunfalistas, do chamado Partido Comunista Português, a verdade é que umas e outras se caracterizam pela sua aversão à luta de classes, pelo seu esforço para suavizar e limar arestas. A laia daqueles oportunistas que dizem ser o MFA a vanguarda revolucionária do povo português, sociais-democratas e revisionistas inventam planos para conciliar burguesia e proletariado em vez de (se fossem forças revolucionárias) dirigirem a luta do proletariado contra a burguesia. Sociais-democratas e revisionistas caracterizam-se pelo seu marcado reformismo, pela sua ignóbil traição aos interesses de classe ao proletariado.

Hoje referimo-nos fundamentalmente e de forma breve a alguns dos aspectos apresentados por esse "Programa" do Partido Socialista.

Diz ele que "Portugal" se encontra numa situação difícil devida entre outras coisas "dos vícios da

estrutura da nossa economia". Isto de "Portugal" e "nossa economia" é sofisma habitualmente utilizado por reformistas de vários matizes. Em Portugal há duas classes fundamentais - proletariado e burguesia - lutando cada uma pelos seus respectivos interesses de classe. Escamotear este problema nas análises que se fazem é fomentar ilusões, é abrir o caminho a novas aventuras do tipo da chilena. É, evidentemente, uma "situação difícil" para a burguesia, inerente à crise do sistema capitalista à escala mundial e agravada pelas contradições próprias da posição de Portugal como metrópole intermédia, agravada pelas contradições geradas pelas guerras coloniais em África.

"Nossa economia", mas de quem? ao proletariado ou da burguesia? Com todo o descaro reivindicam-se estes mistificadores do pensamento de Marx! Mas passemos a diante, pois já se trata de uma velha história.

Refere depois o "Programa" que a "utilização exclusiva ou predominante de meios de intervenção típicos das economias capitalistas desenvolvidas não pode resolver uma situação que se radica num arrazo estrutural, a não ser pelo uso sistemático de uma repressão violenta sobre os trabalhadores. Não há nenhuns instrumentos que possam resolver a "situação" que

se põe aos trabalhadores portugueses, a não ser a conquista do poder por eles, o estabelecimento da ditadura ao proletariado, com o exercício do poder político e económico pelos próprios trabalhadores. Com a burguesia no poder, seja qual for a forma que exerça a sua ditadura, nunca haverá resolução aos problemas fundamentais dos trabalhadores, e estes continuarão a ser reprimidos de forma mais ou menos aberta, de forma mais ou menos violenta. Seguidamente, o "Programa" faz uma amálgama de trabalhadores e de "classes médias" e lamenta que se possa caminhar para o "agravamento das tensões sociais". Joga-se aqui na necessidade de estabilização de uma democracia burguesa, parlamentar, jogo em que estão interessados os partidos da coligação governamental.

O "programa" diz que se exige de todos os portugueses disciplina, sacrifícios e muito trabalho, paralelamente às garantias que dá ao "sector privado". E apresenta-se isto como a única via viável na defesa dos trabalhadores. Na aliança entre o MFA e diversos aparelhos burgueses e reformistas vê este "Programa", num pensar "original" a também "via revolucionária original" para o socialismo, uma via pacífica num "processo de transição para o socialismo".

Aonde chega a política de colaboração de classes!

Preconiza o "Programa" diversos instrumentos para resolver a crise, privilegiando o papel do Estado, estado considerado por ele neutro, acima das classes.

Ao longo de todo o documento fala-se, (como habitualmente) em "via portuguesa para o socialismo", em "Estado Socialista de Direito", em "Socialismo em Li-

berdade" expressões muito queridas ao social-democrata.

O Estado não está acima das classes. O Estado e o seu aparelho servem a classe que domina na estrutura economico-social. Falar em "Estado de Direito" resulta objectivamente em mascarar uma política de defesa dos interesses da burguesia, em iludir as classes trabalhadoras e pô-las a reboque da classe burguesa.

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....  
PROFISSAO .....

ASSINATURA: Semestral - 60900   
Anual - 120900

PAGAMENTO: Em cheque   
Em Vale

APARTADO 4117-LIS-4



# OS TRABALHADORES DA CARNE

# Camponeses de Montalegre um comunicado

Os trabalhadores da carne, por intermédio do seu sindicato, foram avisados de que decorreriam, no passado dia 8, negociações com o patronato no sentido de se chegar a acordo quanto a uma possível actualização de salários. Pediu ainda o sindicato a comparência dos trabalhadores procurando desta forma um apoio em força às posições de defesa. Mas só meia dúzia de privilegiados têm conhecimento do que se passa. E outros trabalhadores, se estão presentes é porque ouviram dizer...

Portanto, a capacidade de mobilização e consequente representatividade do sindicato é logo posta em causa pela fraca aderência dos trabalhadores: estiveram presentes no local das negociações somente cerca de 200 trabalhadores. E mesmo estes faziam críticas severas à actuação do sindicato, queixando-se da falta de informação e discussões dos problemas da classe. Mesmo naquele momento em que os trabalhadores estavam reunidos esperando o resultado das negociações, nada lhes foi dito do que se passou ou a passando. E o trabalhador com quem falámos chegou mesmo a dizer-nos que não conhecia os delegados sindicais.

Que sindicato é este, afinal? Esse trabalhador também não o sabe muito bem, embora tenha as suas suspeitas que expressa nas declarações que nos fez e que transcrevemos:

“ — Nós vivemos em desvantagem em relação ao patrão.

Enquanto este dava 6000\$00 de ordenado, o sindicato propunha 2400\$00. Nestas circunstâncias, porque ganho mais do que o sindicato manda, estou sob o domínio do patrão pois tenho que fazer as horas que ele quer. Os feriados, quando trabalho, não os recebo e o subsídio de férias só este ano é que o recebi e mesmo assim não sei se era o que tinha direito. Mas ele calou-me a boca com 5000\$00. Isto é o fascismo que está metido no sindicato. E o patrão só quer é explorar o empregado e nada mais.

A malta não é informada. Vêm aqui porque se ouve dizer que há uma reunião mas nenhum elemento do sindicato veio cá abaixo para dizer o que se passava. Parece que os patrões viraram as costas, mas não nos disseram nada.

O que eles discutiram lá dentro, a gente não sabe nada. Até pensamos que o próprio patrão está metido no sindicato. E se não é o patrão é o encarregado que é o “cão-de-fila” do patrão e o representa em todo o lado.

Os patrões ganham o dinheiro que querem. Há talhos que estão a governar três e quatro patrões. Nós, os operários mal ganhamos para comer. E para vivermos tem que a mulher nos ajudar ou então os filhos.

Os patrões, esses, têm bons “chalets”, bons carros, vivem à larga. Nem queira saber a fome que eu passei e a trabalhar de noite e de dia. E se agora tenho uma camisa

nova é porque os filhos me ajudam. Isto agora evoluiu um bocadinho nos ordenados, mas a vida aumentou de tal maneira que está impossível. Havia que acabar com o fascismo, com o patronato. Havia que acabar com o capitalismo.

O patrão ser só um, trabalhávamos para o país e assim não havia ladrões que ganham quanto querem.

Vão para a televisão dizer que têm dificuldades. Mas não contam que, por exemplo, um novilho custava 40\$00, custa agora 60\$00 o kilo, e eles vendem a pele do animal, que a uns tempos custava 300\$00, a 1000\$00. Um massa de tripa (um novilho dá massa e meio a dois massas) rendia, vá lá, 7\$50 e hoje rende 40\$00 ou 50\$00.

Põem-se a mandar sentenças, mas é para quem não conhece o assunto.

Isto é uma classe tão ordinária que nós temos de roubar na carne para defender os interesses do patrão. Porque eles dizem-nos que temos que arranjar o dinheiro da carne senão não nos pagam. E se chegar lá a Intendência, nós é que vamos presos. Há patrões que até se têm negado a pagar a fiança para os empregados poderem sair cá para fora.”

## DOMINGO, DIA DE TRABALHO

Eles também trabalharam no domingo passado. No entanto o dia de trabalho para a Nação, apregoa-do por tanta gente como tendo sido uma vitória dos trabalhadores sobre a reacção, para estes tra-

A Associação de Camponeses Livres, na sua luta legítima contra a usurpação infame dos seus baldios, reuniu hoje, dia 4 pelas 15 horas com o Sr. Governador Civil Dr. Montalvão Machado, com técnicos da Junta de Colonização Interna, Comandante da Secção da G. N. R. de Chaves e Comissão Administrativa do concelho. Esta reunião a pedido do senhor Governador Civil em virtude de mais uma infâmia contra as populações — manobra reaccionária que trouxe a Montalegre tropas da G. N. R. e do Exército que no local verificaram que o roubo, os incêndios e a «guerra civil» contra os

balhadores, não passou de mais um dia de exploração, de um dia a mais de trabalho para os patrões.

— “Trabalhamos no domingo, porque os outros trabalharam. Sobre um certo ponto de vista, até achava bem que a gente trabalhasse. Mas não para o patrão. Eles exploram-nos bem durante a semana de trabalho. Podíamos trabalhar a limpar as paredes, a construir casas, a ajudar um amigo, isto assim está bem. Mas lá isso de trabalhar para o patrão é que não. Eles já estão gordos, já estão ricos, não precisam disso. Isto de trabalhar no domingo foi como se deitasse mais um balde de farinha para os porcos. Foi o que nós fizemos aos galos.

Não necessitamos de esmolas de ricos. Necessitamos é daquilo a que temos direito.”

colonos foi uma mentira urdida pela reacção que mais uma vez tentou quebrar a aliança entre o povo e as Forças Armadas. Esteve portanto no espírito de todos, ao longo de toda a discussão a ilegalidade da existência da J. C. I. em terras do Barroso, que não obstante as vitórias alcançadas pelo povo desde o 25 de Abril, Barroso continua esquecido, humilhado e ultrajado mais só até ao momento em que as massas populares tomem consciência da sua verdadeira força. Homens do povo perante a assembleia exigiram a mais curto prazo a entrega imediata e total dos terrenos ocupados pela J. C. I. — S. F. e Posto Experimental.

Quando à J. C. I. e perante a força do povo que ao local aonde a assembleia se deslocou se encontravam a cortar mato em zona que outrora lhe estava vedada, centenas de camponeses gritaram «fora, fora, fora a J. C. I. ladrões, ladrões, ladrões e fora o comandante da G. N. R. de Montalegre.”

Perante este gritante apelo de camponeses de Padornelos, ficou decidido que as populações podiam pastorear e cortar mato nas zonas ocupadas pela J. C. I. e foram os próprios camponeses que empenhando a sua honra defenderiam intransigentemente as culturas dos colonos porque mais do que ninguém eles foram as grandes vítimas da J. C. I.

Em solidariedade com estes camponeses pediram para que os colonos não pagassem mais à J. C. I. a prestação anual que orca pelos 12 000\$00.

Esta aliança entre camponeses vinculou mais uma vez que a luta é de todos os explorados e de todos os trabalhadores.

A ASSOCIAÇÃO DE CAMPONESES LIVRES DO BARROSO

## Ainda acerca do domingo de trabalho

Se a burguesia, após ter travado o movimento operário pela repressão, depara com uma fase de novo agravamento dos conflitos de classe, com greves e organização clandestina das massas, se a situação lhe cria inclusivamente algum isolamento internacional que começa a interferir com as suas negociações, ela tenta a cartada da liberalização, do regresso à democracia (Portugal e Grécia em 1974).

Por detrás de ambos os processos está o capitalismo com a mesma finalidade: explorar, explorar cada vez mais e melhor os trabalhadores.

Em tempo de fascismo, a burguesia conta com o exército e as polícias (política, judiciária, de “segurança pública”, etc) para matar a organização e todas as lutas operárias.

Em tempo de democracia, a burguesia confia nos partidos ditos operários chamados aos cadeiros do governo para servirem de bombeiros das lutas operárias,

Continua pag. 6

# CHARMINHA

As operárias da CHARMINHA encontram-se em luta à 5 meses, ocupando as instalações, produzindo e vendendo por conta própria.

Em 15 de Maio, o pessoal feminino da CHARMINHA, que se dedica directamente a produzir peças de vestuário, paralizou o trabalho exigindo a demissão da chefe de linha, Rosa Rebelo, por trato incorrecto e por estar implicada nos despedimentos em massa (240) durante os últimos 18 meses. Nesse mesmo dia, partiu para a Austría o gerente, Wilhelm Zankl, que depois de várias evasivas em de fronto ao problema ordenou que se mantivesse uma posição firme perante o pessoal e não aceitar a demissão da chefe de linha.

Com o gerente da fábrica no estrangeiro e perante a ameaça de encerramento, as operárias ocupam a fábrica no dia 24 de Maio. O patrão fugido para a Austría, depois de despedir todas as operárias por carta não deu mais sinal de vida.

Com a gestão da fábrica nas mãos, as operárias passaram a vender directamente ao público. A situação não se pode manter assim eternamente, e as dificuldades que têm são inúmeras: É a empresa que em comunicados nos jornais aconselha aos clientes a não pagarem directamente às operárias. São as vendas às lojas que não podem ser feitas a crédito, senão não há dinheiro para as operárias receberem no fim do mês.

O ministério do trabalho deixa arrastar o problema, nada dizendo acerca da nacionalização, sem se preocupar com a situação bastante grave em que se encontram a maioria das operárias:

“Se não houver outra solução o governo tem de tomar medidas para que tenhamos garantido o pão de cada dia”, diz uma operária de 35 anos com dois filhos. O marido não pode trabalhar devido a estar quase cego. Sózinha tem que sustentar a família. Passa 9 horas por dia agarrada ao ferro de engomar. Agora recebe o ordenado mínimo. “Como a fábrica está nesta situação, não podemos receber os abonos da caixa, que vem em nome da entidade patronal. Ora os nossos filhos não têm a culpa do que se passa”.

“Vim para aqui porque pensava que tinha um futuro garantido. O meu filho é doente e tenho de o deixar sózinho. Agora ganho o ordenado mínimo porque anteriormente vencia 8\$60 à hora. Não tenho outros rendimentos senão a pensão do meu marido, que não é nada.”

A situação na CHARMINHA arrasta-se. Até agora é nulo o apoio com que têm contado:

— Por parte dos jornais burgueses, foram “notícias” no princípio, quando a coisa era novidade, e logo cairam no esquecimento. Quanto a acompanhar a evolução da luta, a informar acerca do papel do ministério do trabalho e de levar a população a aderir, com isso não se preocuparam os jornais burgueses.

E os sindicatos reformistas? Porventura tomaram a iniciativa de

recolherem fundos de greve noutras fábricas, de organizar jornadas de solidariedade às operárias em luta? Os seus dirigentes raramente apareciam na fábrica, e quando lá iam era somente para estar a par da situação. Estes mesmo sindicatos tapam os olhos aos trabalhadores na medida em que procurando limar apenas as arestas mais salientes do capitalismo, enquanto escondem a questão fundamental que é o antagonismo de interesse entre patrões e operários, travam a classe operária na sua luta por uma sociedade sem explorados e exploradores.

Casos de encerramento e abandono da fábrica pelos patrões têm-se repetido frequentemente.

SOGANTAL: (capital francês). As operárias gerem a fábrica à 5 meses vendendo directamente ao público. Os patrões tentaram, sem êxito, roubar-lhe as máquinas com que trabalhavam.

TEXMALHAS: Devido à greve de um dia o patrão encerra a fábrica, só deixa entrar quem se submete às suas condições: Apenas foram trabalhar 5 operárias. A situação conserva-se assim há mês e meio.

NATURANA: (capital Alemão). Face às reivindicações das operárias ao salário de 300\$ os patrões fecharam a fábrica durante as férias e levaram todas as máquinas para outro local. Apesar de terem conseguido recuperar mais tarde essas mesmas máquinas, as operárias não podem trabalhar pois faltam-lhe peças. A fábrica está parada e as operárias ocupam-na há mês e meio.

Como estes outros exemplos se poderia dar. Diz-se que o país vive uma grande instabilidade porque o fascismo pode voltar, que é preciso defender as liberdades democráticas.

Mas é que não se diz é que a instabilidade para os trabalhadores são o encerramento das fábricas, são os despedimentos são a alta de preços, e que essa instabilidade agravar-se-á enquanto se mantiver o domínio do capital.

E como sempre será à custa do suor do povo que os capitalistas, os industriais e os agrários, hão-de querer superar esta crise. É o povo quem passa fome com a subida de preços, é o povo que fica sem trabalho depois dos despedimentos em massa. E como se isto não bastasse, ainda multiplicam os partidos burgueses os apelos aos “domingos”, “não à greve” dizendo que só assim se salvará a “economia Nacional”.

Só não dizem que esta economia é a economia capitalista que permite alguns viverem à custa do trabalho da maioria, e que as crises do capitalismo não terão fim por o povo trabalhar mais, mas a única maneira de lhes pôr termo é destruindo o capitalismo.

APOIEMOS A LUTA DA CHARMINHA COMPRANDO O QUE AS OPERÁRIAS PRODUZEM:



# á beira da I.T.T...

O que é a Tematron?

As folhas policopiadas que são distribuídas aos novos colaboradores, durante os cursos de seis dias que lhes são ministrados, começam da seguinte maneira: "O que é que represento e o que é aquilo que represento."

a) Represento a Tematron Internacional que é uma firma anglo-americana, que se dedica à investigação científica e nos últimos anos ao ensino". E, mais adiante, num capítulo que tem por título "O que é Tematron" diz-se: "É um método baseado numa regra muito simples, aprender imitando".

Perante isto, os trabalhadores perguntam: "Final Tematron é uma firma ou uma marca registada?"

Numa reunião do Ministério do Trabalho, esta pergunta foi feita ao administrador Yan Braathen que respondeu dizendo que era o nome de um produto, pois também havia marcas de automóveis que não correspondiam ao nome da firma. Este argumento não esclareceu as dúvidas que a pergunta supunha. E estas dúvidas levantaram-se pela dificuldade que os trabalhadores têm tido para encontrar o grande patrão — que parece ser um tal sr. James O'Hara, residente em Inglaterra — pois o sr. Yan Braathen diz a todo o momento que não tem poder de decisão —, porque é simplesmente o administrador de um produto que para Portugal tomou o nome de Tematron. Aliás, no contrato de trabalho (a que dão o nome de "Acordo sobre Condições de Agência de Clientela"), que tem no cabeçalho Universal Marketing, diz, da-se acerca do dito produto: "1. Por cada nota de encomenda de "Tematron" (...) e depois de aceite e confirmada pela Grolier Internacional, Inc. receberá da Universal Marketing, Lda..."

Por aqui pode-se ver que os trabalhadores representam a Tema-

tron International, e são pagos pela Universal Marketing, Lda., depois da aceitação e confirmação das notas de encomenda pela Grolier International, Inc. E o sr. Yan Braathen será, portanto, o capataz. E esse tal James O'Hara será mesmo o grande patrão ou será somente um chefezinho encarregado do controle de uma secção da grande firma, que será a Europa e este cantinho-à-beira-mar-plantado para o imperialismo disfrutar.

SUPONHAMOS QUE... existia em tempos nos EUA, uma firma chamada Kansas Manager Inc. que teria como função organizar e fazer listas telefónicas, também conhecidas por páginas amarelas, à qual estaria ligada uma outra firma, a Grolier International, Inc. cujo trabalho seria, ao princípio, o de recolher os anúncios para as ditas listas telefónicas e que mais tarde se viria a dedicar a cursos de vendas.

Suponhamos que a Kansas Manager Inc. que, no fim de contas não seria mais do que a empresa mãe da Grolier, muda a certa altura de nome e passa a chamar-se Transctors Establishment e que é por acaso que nos contratos de trabalho (chamados Acordos Sobre Condições de Agência de Clientela), que existiu na Tematron ainda há três meses, está escrito no ponto 11: "...Tendo tomado conhecimento do teor deste acordo que é feito sob a direcção da Transctors Establishment, FI.9490 Vaduz, declaro que aceito em todas as suas cláusulas..."

Suponhamos que a Kansas Manager, ou por outra a Transctors Establishments, pelo facto de fazer listas amarelas, não tem nada a ver com a I.T.T., mas que se trata de simples concorrência capitalista e que não se aguentando num mercado onde vigora a lei do mais forte, a Grolier

terá resolvido abrir falência nos EUA e procurado novos ares por exemplo na Europa (porque não na Inglaterra?). E por uma questão de honra, e só por isso, abre filiais nos EUA, onde antes abria falência.

Mas suponhamos ainda, que talvez fosse conveniente arranjar em Inglaterra outro nome que não estivesse queimado, ou por outra, criar uma firma que se poderia chamar Stiltron. Essa firma venderia um produto que se chamaria também Stiltron e que consistiria numa placa pequena com circuitos programados, e que viria a ser utilizada pela Tematron International nos seus cursos. Ora esse produto e outros (gravadores, livros, etc.) são fornecidos pela Grolier International à Universal Marketing e vendidos em Portugal pela Tematron International.

E o sr. James O'Hara que está na Stiltron é também o patrão da Grolier na Europa. E além disto estaria ligado à I.T.T., até porque até uma dada altura, as acções da Grolier em Inglaterra eram emitidas por aquela multinacional.

I.T.T. e CIA são dois nomes que já foram vistos demasiadas vezes juntos para não os poderemos dissociar. A capacidade de manobra do imperialismo é por demais visível... Parece que desaparece, parece que reaparece mas de facto ramifica-se sempre e cada vez mais transformando-se sem deixar de ser o que é, camuflando sempre as suas intenções de oprimir, explorar os trabalhadores de países que ele, na sua política de exploração "humanista", chama de subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento. Não olha a meios, recorrendo mesmo a formas de dominação política violentas, como sucedeu no Chile, sempre que se trata de domar as classes trabalhadoras quando intensificam a luta pela sua emancipação.

mente aquela quantia. Além disso há muitos trabalhadores que têm menos de 21 anos.

Jogando com dados ilusórios ou com a necessidade que as pessoas têm de um ordenado que lhes permita viver decentemente, a Tematron vivia nos limites da legalidade, jogando com a elasticidade da lei.

Assim custando um curso ao cliente, no total, 14 850\$00, (900\$00 de entrada e 450\$00 mensais, o contrato de venda estava contido dividido em três partes, cada uma de 4950\$00. Não por acaso, mas para se esquivar ao fisco, já que, para quantias superiores a 5000\$00 teriam que entregar 1/3 desta quantia.

É com habilidades deste género que os trabalhadores são também enganados. Começam por lhes dizer que só vão fazer publicidade do produto e acabam afirmando que se não venderem não ganham. Mais: exigem doze notas de encomenda mensais e caso isso não seja cumprido "a companhia reserva-se o direito de denunciar o acordo se o agente tiver uma produção média inferior". E pois mais uma cláusula do contrato que permite os despedimentos arbitrários, pois para a quase totalidade dos trabalhadores a média é muito inferior ao exigido.

Estas condições de trabalho fizeram com que alguns trabalhadores mais conscientes começassem a alertar os seus camaradas para estes factos.

## O CADERNO REIVINDICATIVO

Em Assembleia de Trabalhadores viria a ser aprovado um caderno reivindicativo em que se exigia além do saneamento de todos os elementos directivos e do Sr. Yan Braathen um vencimento base, e a entrega da Tematron International a uma comissão administrativa que se poria em contacto directo com a Grolier, caso esta companhia estivesse disposta a prosseguir a actividade, pois consideram os trabalhadores o produto de interesse nacional. Caderno reivindicativo esse que, no decorrer da luta, viria a tomar a seguinte forma:

1 — Considerando que as companhias de feição imperialista-monopolista, face ao momento actual e à consolidação da democracia devem ser eliminadas do contexto económico e automaticamente reestruturadas as actividades que a companhia prossegue.

2 — Considerando que a força da companhia está no trabalho executado pelos prospectores e

## POLÍCIA PRENDE OPERARIOS

TRABALHADORES E OPERÁRIOS, CAMARADAS:

Nós, operários da Construção Civil na obra da Mutual, estamos em greve há cerca de sete semanas exigindo salários dignos e melhores condições de trabalho. Na obra somos a maioria que quer a greve pois é a única forma de fazermos valer os nossos direitos contra a exploração.

Todas as noites a obra ficava guardada por camaradas que vigiavam as entradas e o material. O fascista Soares da Costa tem tentado tudo para nos esmagar: pagando à imprensa e à rádio para calar a nossa voz; ameaçando despedir pessoal, pagando a reacção para furar a greve, etc. zeste fascista que engordou com o nosso suor e sangue que tem poder e está bem protegido pelas autoridades.

Camaradas: a reacção fascista continua e temos de a esmagar! Hoje, às 6h e meia da manhã, estavam catorze operários de vigilância à obra quando foram surpreendidos por um bando de cerca de 100 polícias que chicoteando e insultando os nossos camaradas os enfiaram dentro de carrinhas sem sequer dar tempo a que se vestissem. Alguns descalços, outros sem roupa foram espancados mais uma vez dentro dos carros por estes assassinos da PSP. Os fascistas levando-nos para a prisão enquanto nos batiam diziam: "Então vocês julgam que a polícia morreu? Mas a polícia está pior do que antes do 25 de Abril!", "o 25 de Abril fez-vos mal, agora somos nós que mandamos!"

Dentro da esquadra destes bandidos, os nossos camaradas foram enfiados, descalços e sem roupa, às 7 da manhã em celas húmidas e terraços de cimento, sendo interrogados: "Então quem são os cabecilhas?", "Diz-me lá a que Partido é que pertences? Quem é que está por detrás disso?", "Quem é que leva lá os jornais a "Voz do Povo" que nós depois tratamos deles?". Os nossos camaradas firmemente responderam que não haviam partidos e que os cabecilhas eram todos.

Enquanto os nossos camaradas continuavam presos, os carrascos da PSP sob as ordens do Soares da Costa e do Governo Civil impediu os ajuntamentos em frente à obra e como nos velhos tempos diziam "nada de reuniões na rua, dispersar, senão estamos mal". Enquanto isto, o Soares da Costa faz entrar operários de outras obras e alguns fura-greves que iniciaram o trabalho sob a protecção dos fascistas.

Camaradas: os fascistas continuam na rua e ainda têm poder. Depois da vitória popular do 28 de Setembro, os fascistas começaram novamente a levantar a cabeça sob a protecção das autoridades. É preciso aumentar a vigilância e passar à ofensiva.

Exijamos que os fascistas da PSP sejam postos fora da obra. Este é um primeiro passo para que estes rafeiros sejam desmantelados.

Exijamos a saída imediata da obra dos operários estranhos à obra.

A greve continua! Unidos contra o fascismo e contra a exploração capitalista venceremos!  
CAMARADAS:

A LUTA PERTENCE A TODO O POVO!

ESMAGUEMOS OS FASCISTAS!

(do Jornal da Greve dos Operários da "Soares da Costa", 11 de Outubro).

que este tem de estar integrado num salário mínimo vital.

3 — Considerando que por várias vezes foram tomadas atitudes de justa reivindicação por um salário mínimo vital e pela criação dum ACT com as respectivas regalias devidas a todo o homem livre, e sempre a companhia optou por uma política de opressão e repressão com despedimentos em massa que pode ser comprovada.

4 — Considerando ilícita e amoral a maneira como as pessoas são recrutadas através dos anúncios capciosos, com falsas promessas de vencimentos (7000 escudos, Full-time) e mentalizadas durante um curso de seis dias para uma publicidade e prospeção, quando visam fundamentalmente a venda.

5 — Considerando que muitos trabalhadores nem sequer contrato de trabalho assinaram, desconhecendo o modo como são remunerados para mais facilmente a companhia prosseguir a sua desenfreada exploração humana.

6 — Considerando e contestando a ilegalidade do acordo com maioria dos trabalhadores assinaram induzidos em boa fé por indivíduos sem escrúpulos e ao serviço dum companhia cuja administração se rege por princípios contrários à democracia e direitos do homem, pois são tratados como escravos.

7 — Considerando que os órgãos directivos usam e abusam de uma prepotência inqualificável para todos quantos trabalham num

desprezo total pelos mais elementares princípios da educação moral e ética profissional.

8 — Considerando que a Comissão de Trabalhadores democraticamente eleita perante a cáctica situação decidiu pacificamente ocupar o sector de vendas da UNIVERSAL MARKETING, até à superior decisão dos órgãos governativos competentes.

IMPÕEM QUE:

I — Formação de uma comissão de saneamento que apure as responsabilidades dos indivíduos intimamente ligados à administração, responsabilizando-os por todos os actos que ao serviço da mesma tenham cometido, contra as massas trabalhadoras e o povo português e suspensão imediata de todos os indivíduos sobejamente conhecidos pelas suas atitudes, durante o processo levado pelos trabalhadores mais conscientes da sua posição perante o patronato.

II — Pagamento imediato de todas as comissões e Loyalty Bonus em atraso.

III — Entrega imediata da marca-registada "Tematron" a uma comissão de trabalhadores democraticamente eleita para esse efeito, a fim de em regime de autogestão e, em contacto directo com a Grolier Incorporated, prosseguir a actividade, pois consideramos o produto de interesse nacional.

# A LUTA NA TEMATRON

Na Tematron — Universal Marketing os trabalhadores eram considerados agentes e nessa qualidade, segundo as leis fiscais obrigados a apresentar uma declaração de início das suas actividades na Reparação de Finanças passando a pagar a Contribuição Industrial, Grupo C. No entanto, quando entravam para a firma diziam-lhes que não valia a pena fazerem tal declaração, que poderia ficar para mais tarde. Ora isto permitia à Tematron-Universal Marketing uma margem de manobra que lhe tornava possível, não fazendo as despesas normais com as pessoas que contratava (descontos, etc), fazer despedimentos quando muito bem o entendesse e sem qualquer problema. E assim que pela firma passam num ano cerca de 1000 pessoas.

Os administradores conhecem bem esta situação e jogam com ela a seu favor. Diariamente um anúncio num jornal pede pessoal oferecendo-lhe um salário de 7000\$00 e exigindo em troca uma idade superior a 21 e o mínimo de 2.º ciclo liceal ou equivalente. Mas isto não passa de um chamariz, pois não existem ordenados fixos na empresa, como deixava supor o anúncio, e ganhando à comissão, raros são os trabalhadores que ultrapassam ou igualam mensal-



## UM VIAJANTE CHAMADO ROCARD...

Michel Rocard, como é do conhecimento geral, foi convidado pelo PS a visitar Portugal, o que aceitou.

Quem é Michel Rocard?

Pois Rocard é um conhecido político francês que foi nos últimos anos a principal figura do Partido Socialista Unificado (P.S.U.). Conseguiu a maioria nesta organização ao vencer tendências de esquerda, e conduziu o PSU na via do direitismo: pouco o PSU passa da esquerda revolucionária (com posições ambíguas) para o reformismo declarado.

Eis senão quando a tendência Rocard foi batida em favor duma ala esquerda autogestionária da qual se destaca Charles Piaget. Mas voltando ao hoje "minoritário" Rocard (a menos que decida "casar-se" com a Partido Socialista Francês), aqui deixamos uma passagem escrita por sua própria mão e publicada no órgão "Tribune Socialiste":

"Como o mostrou o Chile, a abertura da marcha para o socialismo far-se-á pela via legal, isto é, eleitoral, e o processo continuará legal, transformando progressivamente mas completamente o conteúdo desta legalidade".

Inteligente, sem dúvida! E revolucionário, sobretudo!

De qualquer forma aí temos Rocard a passear o seu "charme" de político explicando a quem quiser e puder ouvir como os decretos e os votos são mais fortes que as espingardas!

E o Chile que o diga, não é verdade "Monsieur" Rocard?

Inteligente, sem dúvida! E reaccionário, sobretudo.

## E UMA SENHORA CHAMADA ALLENDE

Para aqueles que como Rocard fazem demonstrações de masoquismo em torno do processo chileno, aqui deixamos algumas palavras, sem dúvida mais realistas (gato escaldado de água fria tem medo), de Hortência Allende, viúva do ex-presidente.

O boletim de voto não chega para alcançar o socialismo. É também necessário dispor dum exército ao serviço do povo. O golpe de estado, mostrou-nos que pelo menos na América Latina, é uma ilusão apostar na via constitucional e pluralista.

Decididamente, o sr. Rocard ainda não se escaldou, nem aprendeu com os esclandros dos outros...

## AINDA SOBRE O DOMINGO DE TRABALHO — da pág. 4

PARA ILUDIREM A LUTA DE CLASSES e dizerem: "Arregaças as mangas e trabalhar" como se o capitalismo já tivesse acabado.

Após tudo isto, qual o significado da jornada nacional de trabalho de 6 de Out.?

Todos sabemos que a sociedade em que vivemos é ainda a da exploração do homem pelo homem; todos sabemos que é justamente como o trabalho dos operários que o capital lucra; todos sabemos que o desemprego alastra neste país não se proclamando jornadas de trabalho para os desempregados, todos sabemos que a economia que pretendem que reconstruamos é a economia dos banqueiros e dos industriais.

Após o domingo de trabalho a burguesia respira fundo.

Uma classe operária docil e colaborante estará disposta a reconstruir a sua (dos patrões)

economia?!

Camaradas, existe já uma vanguarda da classe operária que sabe que não é assim. Um largo sector da classe operária, mau grado as ilusões inculcadas pelos partidos reformistas, pelos sindicatos, pela imprensa ao serviço do capital, etc. esteve nas fábricas e oficinas, nos estaleiros e obras, a fazer o seu próprio trabalho: o trabalho de emancipação, de discussão política, de afirmação de classe.

Transformar um domingo de produção para o capital numa jornada de unidade proletária foi a tarefa a que se meteu ombros, Unidade autêntica, sem ser por receita, unidade operária e portanto unidade anti-capitalista.

(Do jornal da Greve (suspensa) dos trabalhadores da EFACEC-INEL De 15/10/74)

## A LUTA NA TEMATRON — da pág. 5

Considerando portanto o produto de interesse nacional em lugar de uma autogestão, que será somente uma forma imediata de luta e não um fim em si, parecia mais correcto aos trabalhadores exigirem a nacionalização da empresa, que poderia ser gerida pelo MEC, por exemplo, fazendo estes os contratos com a Grolier no que diz respeito a fornecimento de material. Aliás esta posição têm-na também alguns membros da Comissão de Trabalhadores, que no decorrer da luta verificaram que a autogestão em sistema capitalista é uma utopia porque não permite aos trabalhadores o controle efecti-

vo da produção pois seriam eles, agora a fazer o papel de patrão colectivo, a ficar directamente dependentes dos investimentos que teriam que ser feitos, para a firma continuar a funcionar.

O facto de pretenderem constituir-se em comissão pró-sindicato, mostra que a actual Comissão de Trabalhadores está em vias de desenvolver um trabalho correcto, constituindo isto um salto qualitativo na luta dos trabalhadores da Tematron Universal Marketing que lhes permitirá avançar significativamente na luta pela defesa dos seus interesses, de trabalhadores.

Como medida preventiva em relação à crise política e acautelando os seus interesses, a ITT — Semicondutores parece ter planos de redução de produção. Para tal e como sempre, toma medidas contra os trabalhadores.

E assim que surge a hipótese de redução no tempo de trabalho, que corresponderá a reduções substanciais no salário e, necessariamente, a despedimentos.

Entretanto sabe-se que a ITT construiu na Tailândia uma fábrica que produz o mesmo que esta. Assim se vai acomodando o imperialismo.

A dependência económica de Portugal determina que este país produza quase exclusivamente para alimentar as gigantescas fábricas, que algures na América sugar o trabalho português. Como sair disto? Só uma economia socialista poderá resolver a situação portuguesa.

# ANGOLA Um Comunicado

Do comunicado distribuído pela Casa de Angola reproduzimos:

"As manobras imperialistas, com o objectivo de enfraquecer o M. P. L. A. — vanguarda heróica do glorioso Povo Angolano — vêm ganhando proporções cada vez maiores.

Desde a orquestração sediciosa que se fez ouvir antes, durante e depois do Congresso Especial do M. P. L. A., que teve início a 12 de Agosto deste ano, em Lusaka, aos encontros de Sal e Kinshasa, decorrem factos que, aos olhos do POVO ANGOLANO, marcam a moldagem de um esquema neo-colonialista:

1) A criação e promoção de partidos fantoches e oportunistas surgidos após o 25 de Abril, apoiados pelos colonos mais reaccionários e pelo capital estrangeiro.

2) A manutenção em Angola de toda a estrutura colonial-fascista (PIDE/DGS, PSP, O. P. V. C. A., Quadro Administrativo, etc.).

3) O Plano dito de Descolonização para Angola, emanado da Junta de Salvação Nacional a 9/8/74, onde se tribaliza a questão de Angola e se pretende diluir a problemática da libertação nacional do nosso País, num conflito de etnias.

4) As conversações da ilha do Sal com o General Mobutu — porta-voz internacional de Holden Roberto, das quais resultaram a abertura das fronteiras com o Zaire e a entrada pacífica da F. N. L. A. em Angola.

5) As negociações com os fantoches vindos de Angola, promovidos apressadamente em "forças vivas", as não representam nem nunca o POVO ANGOLANO e muito pelo contrário, se encontram estreitamente ligadas à intenção fascista de 28 de Setembro, em Portugal, bem como às forças reaccionárias e contra-revolucionárias em Angola.

6) A intensa propaganda desenvolvida pela imprensa ultra-reaccionária de Angola, a favor da F. N. L. A. e da UNITA, dois agrupamentos altamente comprometidos com o Imperialismo, beneficiando ambos do apoio directo do exército de ocupação colonial.

7) As conversações de Kinshasa na qual participam a delegação portuguesa, a delegação da F. N. L. A. (que assinou o cessar-fogo), a delegação da UNITA e uma pretensa delegação do M. P. L. A., chefiada por Daniel Chipenda.

Face a esta última manobra, esclareceremos o seguinte:

Após o Congresso Especial do M. P. L. A. e apesar do constante boicote movido pelas forças imperialistas, a Direcção do Movimento sempre procurou superar as diferentes posições no seio do M. P. L. A. com vista à unidade.

Como consequência prática do espírito e da linha correcta que orienta a Direcção, surge o Acordo de Brazzaville (3/9/74), onde se instituiu um Comité Central e um Bureau Político, no qual teriam assento, além da Direcção, as duas fracções do Movimento (Revolta Activa e Revolta do Leste). A sua luta pela libertação e independência sempre foi bem patente e reiterado de modo heróico como o atestam as rebeliões imediatamente desencadeadas contra a opressão, continuadas ao longo dos séculos e, mais recentemente, comprovadas pelas revoltas de 1912/13

vamente constitui um boicote à agenda de trabalhos e o impedimento à realização dos objectivos propostos pelos Acordos de Brazzaville, pelo que Daniel Chipenda não foi nem está credenciado pelo Movimento para trabalhar qualquer tipo de conversações em nome do M. P. L. A.

Como explicar a propaganda feita por certa imprensa à volta da presença de Daniel Chipenda nas conversações de Kinsasa?

Com a sua presença nestas conversações, pretendeu-se tirar conclusões no sentido de que o M. P. L. A. teria aderido ao acordo das resultante e inclusivamente a uma possível frente com a F. N. L. A. Por outro lado, anuncia-se o fim da guerra em Angola, pelo facto de a F. N. L. A. ter assinado um cessar-fogo. Contudo, a realidade é bem diferente. Com efeito, e como justamente alerta o camarada presidente A. Neto, "Pretender estabelecer as bases de quaisquer negociações concernentes à independência de Angola sem ter em conta a principal força nacionalista, o MPLA, constituiu o mais flagrante ultraje a todos aqueles que voluntariamente verteram o seu sangue e o seu suor ao longo de 13 anos de luta armada. (...) Ignorar esta verdade, equivalerá a perpetuar a guerra em Angola, na medida em que o MPLA ainda não

depois as armas, nem as deporá enquanto não forem estabelecidas negociações com a vanguarda revolucionária do Povo Angolano".

Assiste-se assim a mais uma manobra tendente a isolar o M. P. L. A., única força capaz de se opor à implantação do neo-colonialismo em Angola. Prosseguem as tentativas de desagregação e enfraquecimento do MPLA, recorrendo-se para isso à infiltração no seu seio de agentes a soldo do imperialismo. O objectivo é a supressão de uma linha política independente e de defesa intransigente dos interesses do Povo Angolano.

Deste modo, alertamos o Povo Português de que as garantias da sua liberdade, assentam estritamente na solidariedade militante com a luta do Povo Angolano e o seu legítimo representante — o M. P. L. A. — que ao longo de 13 anos de luta armada deu um poderoso contributo ao derrubamento do regime fascista que oprimiu Portugal durante 48 anos."

VIVA O M. P. L. A. I  
VIVA O CAMARADA PRESIDENTE AGOSTINHO NETO!  
A VITÓRIA É CERTA!

Lisboa, 15 de Outubro de 1974

CASA DE ANGOLA

# TIMOR

No dia 14 de Outubro realizou-se um comício dos Timorezes em Portugal, em que falaram elementos dos Movimentos de Libertação das colónias e de organizações políticas portuguesas.

Nele se falou da história dos povos colonizados, das suas lutas e da luta do povo português contra o colonialismo.

No comunicado dos Timorezes em Portugal ao povo português e às forças progressistas, distribuído então dizia-se:

"Depois de quase meio milénio de "presença lusitana" em Timor, ainda o povo português pouco ou nada conhece da problemática sócio-económica e da realidade histórico-política criada pela acção colonialista.

Por tal estado de coisas é responsável o aparelho ideológico condicionante da informação ainda activo no contexto da necessidade de impedir que os interesses profundos dos povos timor e português sejam concretamente expressos.

O povo de Timor embora não tenha formado, antes do 25 de Abril, um movimento de libertação que representasse a sua vanguarda revolucionária, não é, na realidade, aquele "povo submisso e obediente que sempre reconheceu e olhou com bons olhos a presença colonial portuguesa". NÃO, ANTES PELO CONTRÁRIO. Ao longo dos séculos do colonialismo português, o povo timor sempre se mostrou inconformado com o jugo colonial, contestando-o manifestadamente. A sua luta pela libertação e independência sempre foi bem patente e reiterado de modo heróico como o atestam as rebeliões imediatamente desencadeadas contra a opressão, continuadas ao longo dos séculos e, mais recentemente, comprovadas pelas revoltas de 1912/13

e todas as que se lhes seguiram antes da ocupação japonesa. Após esta ocupação, e apesar de o colonialismo português ter finalmente consumado o seu controle da totalidade da formação social timor, não conseguiu, ainda que com extrema violência, evitar a revolta de 1959 que redundou num massacre".

SAUDAÇÃO DO PRP-BR AO POVO DE TIMOR

O PRP-BR vem saudar o povo de Timor e declarar firme apoio na sua justa luta pela libertação total do colonialismo.

O PRP-BR ao longo da sua actividade, nas difíceis condições de clandestinidade antes do 25 de Abril e naquelas que se verificaram após esta data, sempre travou uma luta decidida contra o colonialismo e o imperialismo, luta que se traduziu em informação, propaganda e agitação, luta que se traduziu em acções armadas contra as guerras coloniais e o colonialismo, contra o aparelho de estado fascista.

Quer entregando aos Movimentos de Libertação os mapas tirados dos Serviços Cartográficos do Exército, quer atacando a bomba os quartéis do exército colonial fascista em Lisboa, Porto e Bissau, quer desenvolvendo outro tipo de acções, consideramos ter prestado uma ajuda muito concreta à justa luta dos povos colonizados pela sua libertação.

Sempre o fizemos dentro de uma perspectiva anti-capitalista e do internacionalismo proletário. Sempre o fizemos contra todas as formas de colonialismo.

Viva a justa luta dos povos oprimidos contra o imperialismo

Viva a justa luta de todos os povos colonizados pela sua libertação

Viva a justa luta do povo de Timor pela independência total.



# CABO VERDE QUE DESCOLONIZAÇÃO

Nos passados dias 21 a 25 de Setembro a ilha de S. Vicente foi cenário do desencadear de uma série de acontecimentos que abalarão a cidade do Mindelo alargando-se a todo o arquipélago e provocando uma massiva e clara resposta dos patriotas Cabo-verdeanos justamente conduzidos pelas estruturas locais do PAIGC.

## OS FACTOS

No dia 21 na sequência de uma briga insignificante entre um elemento do Exército Português e um elemento da população, desencadeia-se uma vaga de violências e agressões por parte de elementos militares reaccionários entre os quais membros da Armada recentemente ali chegados da vizinha Guiné e civis naturais de Cabo Verde, onde se destacam elementos instigados por gente ligada à UDC (União Democrática de Cabo Verde), partido fantoche feito à pressa depois do 25 de Abril, o qual manteria ligações com o Partido do Progresso recentemente desmantelado em Lisboa. As tensões entre este grupo de colonialistas e a população atingem o seu máximo quando os primeiros se concentram numa praça daquela cidade no dia seguinte, 22 de Setembro e armados de chicotes de arame, facas, granadas tóxicas se abatem sobre os bairros, agredindo a população desarmada e proferindo as piores provocações tais como: "Nós ainda temos força", "Armas temos nós" e "Chamem os PAIGC".

Perante este ataque selvagem que é acompanhado das maiores provocações para com os soldados cabo-verdeanos dentro dos quartéis, a população responde organizando-se e defendendo-se com firmeza sob as palavras de ordem da única força política do povo: o PAIGC. As hostilidades prolongam-se até ao dia 25 sob o olhar impotente das autoridades civis e comandos militares, levantando uma autêntica onda de protestos e solidariedade da população das restantes ilhas. Aqui destacam-se dois actos que mostram bem a consciência nacional do povo Cabo-verdeano: a recusa por parte dos militares, naturais de Cabo Verde, de continuarem a servir o Exército Português e a greve geral que os funcionários públicos desencadearam em todas as ilhas como forma de protesto contra as arbitrariedades e repressão a que se assistiu.

## O 28 DE SETEMBRO EM CABO VERDE?

A Portugal chegaram somente ecos duma "situação anormal" com ausência de notícias concretas nos jornais diários mas com reflexos no discurso do ex-presidente Spínola, na tomada de posse do governador de C. Verde, no protesto do PAIGC na ONU que tem como resposta um descarado desmentido por parte de Veiga Simão. De facto, Nova Iorque é muito longe do Mindelo...

Ao tomarmos conhecimento da série de acontecimentos que se deram nesses dias não podemos deixar de pensar que o 28 de Setembro também se ia dar em Cabo Verde. E se assim não fosse, como explicar, durante este período, a presença em Cabo Verde duma personalidade especialista em actividades mercenárias e golpes de força reaccionários que é o famigerado fascista Adelino

Amaral, elemento muito conhecido nos meios colonialistas de Angola? Por outro lado como se explica que o major Pedro Pires da direcção do PAIGC, nomeado por esta como representante em C. Verde, tenha sido impedido de aí entrar nessa altura, ordem essa cuja origem está ligada a meios da Presidência da República? Não será que a sua presença aí era considerada inconveniente por parte de certos meios em Lisboa? E não terá isto relação com o aumento de efectivos militares e material bélico verificado neste período contrariando o "ambiente constitucional para a consulta popular" tão proclamado pelo General Spínola?

Tal como em Lisboa a intenciona aí não se consumou porque também o povo cabo-verdeano o impediu, mostrando claramente a expressão da sua vontade no que respeita ao futuro político daquele arquipélago: a Independência imediata e total em consonância com as propostas do PAIGC sobre aquele território.

-fogo tático na Guiné sem que as negociações se iniciassem.

Na cidade do Mindelo, elementos reaccionários ainda integrados no exército português, estimulados pelos reaccionários cabo-verdeanos, reprimiram, a pretexto de um incidente insignificante o povo desarmado de S. Vicente, utilizando granadas tóxicas, chicotes e armas de fogo numa violação aberta ao espírito do Acordo assinado em Argel entre o nosso Partido e o Governo Provisório Português e ao espírito de relações amistosas entre o nosso Povo e o Povo Português, entre o nosso Partido e o Movimento das Forças Armadas.

É urgente que os soldados, sargentos e oficiais portugueses em Cabo Verde, tomem consciência dos seguintes factos:

— Os reaccionários cabo-verdeanos, sem apoio popular, desesperados, tentam a todo o custo lançar elementos das Forças Armadas Portuguesas contra a população e o PAIGC numa tentativa de criarem uma situação tensa

criação de um clima de tensão e de isolamento que de maneira nenhuma facilita uma solução pacífica para o problema colonial cabo-verdeano.

Soldados, sargentos e oficiais portugueses:

— Não consintais na vossa utilização como força repressiva pelos laiaos fascistas cabo-verdeanos contra o Povo desarmado de Cabo Verde.

— Consciencializai-vos que interesses do Povo Português se identificam com os interesses do Povo Cabo-verdeano representado no seu Partido, o PAIGC e não com os interesses dos fascistas cabo-verdeanos.

— Não consintais que a situação se deteriore em Cabo Verde, pois aqueles que vos pedem para reprimir, o que no fundo pretendem é criar uma situação de luta armada em Cabo Verde contrária aos interesses do vosso Povo e na qual seriam utilizados como carne para canhão.

— O FASCISMO E O COLONIALISMO NÃO PASSARÃO?

— VIVA A HEROICA LUTA ANTI-FASCISTA DO POVO PORTUGUÊS!

— VIVA O POVO DE CABO VERDE!

— VIVA A HEROICA LUTA DE LIBERTAÇÃO DO POVO CABO-VERDIANO!

— ABAIXO A REACÇÃO CABO-VERDIANA!

Seguia atrás a senhora, com quem o detido tinha estado a discutir, aflita com a agressão de que o detido estava a ser vítima, razão que me levou a aproximar-me dela e a perguntar-lhe o que havia, tendo-me ela respondido que se tratava de seu marido.

Dada a gravidade da agressão, pedi aos guardas que deixassem de bater e que ouvissem primeiro o homem no posto da polícia e isto foi razão suficiente para eu também passar a ser agredido por eles, muito próximo do posto da polícia.

Como a agressão se acentuasse, consegui escapar e subir as escadas do posto, com o fim de encontrar protecção lá dentro, supondo haver lá dentro algum graduado.

Encontrei outro guarda lá dentro, que não só não impediu os colegas de bater, como até permitiu ainda que me empurrassem para um quarto contíguo onde, à porta fechada e com a presença deste último, fui cruelmente agredido pelos outros dois a cassetete, chicote (cavalo-marinho) morto, pontapé e até ameaçado de morte com uma pistola que me foi apontada.

Quando acabaram de bater, estava completamente esfarrapado, ferido e ensanguentado. Só depois fui identificado pelo guarda que se encontrava de serviço no posto, aquele que apenas assistiu à agressão.

Chamaram seguidamente o sub-chefe do posto e logo que este apareceu, ouviu-me, mas de nada serviu, dado que já trazia a decisão no bolso: "Eu era o culpado por ter agredido a polícia!!"

Apareceram no posto vários amigos meus, que quiseram pôr-se ao corrente do que se tinha passado.

Pedi também ao sub-chefe para apanhar moedas e outros artigos que estavam espalhados pelo chão do quarto onde tinha sido agredido. Isto tudo foi visto pelos presentes.

Pedi ainda assistência médica, tendo-me sido passada uma guia para o hospital de Chinguar, onde fui acompanhado pelo guarda de serviço no posto. Foi-me dada depois notificação para comparecer no Julgado Municipal (Administração do Concelho), no dia 2, para prestar declarações.

Fui submetido a exame médico no dia 3 e fui notificado, no dia 5, a comparecer ao julgamento no dia 6, o que me impossibilitou de constituir advogado, dada a falta de tempo e meios.

O julgamento foi uma série de mentiras onde o Sr. administrador mandava escrever o que entendia das testemunhas de acusação e da única testemunha de defesa que pude arranjar.

A acusação da polícia não mencionava o quarto onde fui espancado.

AGRESSOR ERA EU E NÃO A POLÍCIA, O QUE CONSEGUIMOS PROVAR.

Dos guardas intervenientes apareceu apenas Um, tendo o outro sido testemunha de acusação. O 3.º guarda, aquele que se encontrava no posto da polícia em serviço já não apareceu em cena.

Por outro lado, o médico não mencionou os ferimentos que viu, no relatório, o que facilitava a omissão do quarto onde fui agredido.

No lugar do 3.º guarda apareceu um guarda auxiliar (negro) como testemunha de acusação.

Constituiu o juiz municipal um defensor oficioso que era funcionário da câmara da mesma administração, o qual só se pronunciou no fim quando disse que eu devia ser punido.

Foram-me aplicados 45 dias de prisão remíveis a 30900 diários, mais 500900 de imposto de justiça, 100800 ao defensor oficioso. A pena foi suspensa por dois anos."



FUNCIONÁRIOS EM GREVE ENTREGAM MOÇÃO ÀS AUTORIDADES COLONIAIS DE CABO VERDE

Publicamos um comunicado da Comissão Nacional de Cabo Verde do PAIGC sobre estes acontecimentos:

AOS SOLDADOS, SARGENTOS E OFICIAIS PORTUGUESES ESTACIONADOS EM CABO VERDE

O Movimento das Forças Armadas, identificado com as aspirações do Povo Português, e que abusivamente o envolveu numa criminosa guerra contra os povos das colónias.

No dia 28 do corrente, os fascistas portugueses, tentaram numa acção desesperada restaurar o regime que utilizou os jovens portugueses como carne para canhão nas guerras coloniais. O Povo Português saiu à rua, e numa atitude firme e corajosa, digna de apreço de todos os povos do Mundo, barrou o caminho à reacção e ao fascismo demonstrando deste modo, a sua vontade coesa em não permitir o regresso da ditadura repressiva.

O nosso Partido, o PAIGC, nunca confundiu o Povo Português com o regime colonial fascista, e demonstrou essa posição de princípio logo após o 25 de Abril, quando pôs em prática um cessar-

de consequências imprevisíveis.

— As Forças Armadas Portuguesas ao reprimir o nosso Povo desarmado, estão a actuar contra os interesses do Povo Português, estão a contribuir para a

— ABAIXO O COLONIALISMO!  
— VIVA O PAIGC, FORÇA, LUZ E GUIA DO NOSSO POVO!

Comissão Nacional de Cabo Verde  
— PAIGC

## ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO NEGRO — VÍTIMA DE AGRESSÃO

PRO-AEUL (Pró-Associação dos Estudantes da Universidade de Luanda) tem alertado os estudantes, a população em geral e as organizações democráticas para as situações criadas em Angola pela não descolonização. Neste sentido um grupo de colaboradores relata:

"A PSP, como a grande maioria das estruturas do aparelho repressivo colonial-fascista, continua a actuar com os mesmos métodos e da mesma forma. Consequências de um processo de descolonização que em Angola é dificultado pelas forças reaccionárias e colonialistas, que continuam na posse dos meios de produção e de informação e do aparelho de administração, perante

a passividade incompreensível da Junta Governativa de Angola e dos representantes do Movimento das Forças Armadas.

Diz-nos o colega Eugénio Golo:

No dia 1 de Setembro, fui assistir às festas do Chinguar, vila vizinha da Bela Vista, onde me encontrava a passar férias.

Por volta das 23 horas surgiu um desentendimento entre um senhor e uma senhora negros, sem agressão, tendo a polícia tomado logo conta da ocorrência, da seguinte forma:

Prendeu o senhor negro e levou-o para fora do recinto de festas, onde os dois guardas da PSP passaram a agredi-lo desumanamente, ao mesmo tempo que o levavam para o posto de polícia.



A cada momento são dadas provas do clima de politiquice que preside ao trabalho das pessoas mais responsáveis deste país.

Fala-se em democracia do povo, nos trabalhadores, no proletariado e, mesmo na classe operária. E, como que por obra de um Deus da ironia fala-se em seu nome e nos seus interesses.

Mas os trabalhadores, o proletariado, a classe operária, não necessitam de "paizinhos". Revolucionário não é aquele que vê no proletariado uma classe infeliz que, coitadinha, é necessário proteger; revolucionário é aquele que reconhece à classe operária a sua real capacidade de transformar social, política culturalmente todo um sistema de valores baseados na exploração do homem pelo homem.

Na prática o revolucionário não deve trabalhar recolhido das massas para resolver o problema; o revolucionário trabalha no sentido de consciencializar e de organizar a classe para que seja ela a organizar a sua própria libertação.

Ora uma das características de conduta revolucionária é dizer o mais possível e mais abertamente possível aos verdadeiros interessados dos factos que, directamente ou indirectamente, lhes dizem respeito.

## O QUE SE PASSA CÁ DENTRO E SÓ É NOTICIADO LA FORA

Acabamos de ter conhecimento através da revista francesa "Le

Nouvel Observateur" (N.º 518 de 1974), de factos relatados por um oficial da Cova da Moura "um dos responsáveis pelo serviço de informação", os quais são a prova provada da conduta que se torna reacção de falta de informação pública, contra a qual nos insurgimos veementemente. Transcrevemos:

— «Montámos rapidamente um serviço de informação e acção a partir da 2.ª Repartição Militar e afastando dela os oficiais demasiadamente marcados pela sua formação dos Estados Unidos. Já localizámos agentes da CIA e detectámos as suas actividades. Sabemos também que muitos deles se introduziram no País sob a capa de diversas nacionalidades sul-americanas por intermédio da embaixada do Brasil. Sabemos que os serviços Brasileiros estão activos, tinham colocado uma "ficha" de escuta sobre as linhas do "telefone de estado" do Palácio de Belém, no tempo do General Spínola. Vigiamos igualmente de perto os contrabandistas de armas. No Alentejo, região de grandes latifúndios, há mais de 30 pistas de aterragem. Sabemos que há quintas que são verdadeiros arsenais e outras albergam campos de treino. Aliás, encontramos em Lisboa muitas armas, muitas das quais fabricadas na Itália (pistolas e metralhadoras Beretta), por vezes compradas não se sabe onde e fabricadas na Europa de Leste. Mas é impossível estabelecer uma

vigilância verdadeiramente rigorosa. Dito isto, estamos de pé atrás e de olhos abertos. Saiba-se, entretanto, que no 27 de Setembro os partidos de Direita podiam armar cerca de 800 pessoas em Lisboa."

## O JOGO DO "ESCONDE-ESCONDE"

Não nos surpreende que alguns indivíduos e correntes façam "caixinha" de informações que dizem respeito aos trabalhadores. É uma técnica que procura fazer sentir aos trabalhadores uma sensação de impotência e incompetência para tratar de assuntos de natureza política, campo em que mais não têm a fazer que deitar o voto no escuro da mesa.

Mas o MFA, melhor dizendo, aqueles que dentro de Movimento podem ser revolucionários progressistas e que têm sobre si a responsabilidade da actual situação e sua futura evolução não podem caucionar jogos de "esconde-esconde".

Há que dar explicações. Como é que "Le Nouvel Observateur" pode saber coisas tão importantes ignoradas do grande público português?

Há que dar explicações!



# MIGUEL ENRIQUEZ

## DECLARAÇÃO FEITA NO DECURSO DA CONFERÊNCIA DE IMPRENSA POR EDGARDO ENRIQUEZ

A classe operária, os oprimidos do Chile e os militantes do MIR estão de luto; mas ganharam também uma bandeira de luta contra a ditadura.

O secretário-geral do MIR, camarada Miguel Enriquez, caiu combatendo gloriosamente depois de ter resistido com uma pistola-metralhadora, durante mais de duas horas, aos seus inimigos.

Ao seu lado encontrava-se a sua camarada Carmen Castillo, grávida de sete meses que foi ferida e aprisionada pela ditadura.

Com a morte de Miguel Enriquez a classe operária do Chile perde o mais corajoso e infatigável organizador da resistência contra a ditadura. O MIR perde o seu secretário-geral, o seu fundador e chefe indiscutido.

Mas Miguel Enriquez deixou atrás de si um exemplo de luta e um partido que lhe sobrevivem e que serão o pesadelo de Pinochet e dos seus esbirros. A obra do secretário-geral do MIR não termina com a sua morte. O MIR saiu desta difícil prova reforçado, e endurecido, decidido a não recuar um passo na luta contra a ditadura.

Um outro membro da Comissão Política do MIR retomou a espingarda do secretário-geral e tomou a direcção do partido. O Partido de Miguel Enriquez tem homens que saberão suceder-lhe e ser fiéis ao seu exemplo e à sua memória.

A morte heróica de Miguel Enriquez dá uma amplitude ainda maior à obra extraordinária deste homem que tinha apenas 30 anos no momento da sua morte. Médico, dois filhos, ele era já o símbolo da resistência chilena. Hoje o seu nome e o seu exemplo são a bandeira de luta daqueles que tomaram o seu lugar. Ele reverirá em cada combate da resistência, endurecerá as fileiras do MIR, dará forças aos torturados para que não falem, e inspirará a longa luta dos operários e camponeses do Chile.

Desde o golpe de Estado até à sua morte, Miguel Enriquez viveu sempre no Chile à cabeça do seu partido. No dia do golpe de Estado participou pessoalmente nos confrontamentos armados contra os esbirros. Em seguida dirigiu directamente a reorganização clandestina do Partido e lutou sem tréguas pela unidade da esquerda chilena. Miguel e toda a Comissão

dos princípios do secretário-geral caído e o seu testamento combativo e unitário.

Miguel Enriquez tomou como um revolucionário consequente: disparando a sua pistola-metralhadora contra os esbirros. Ele não conhecia nem perdoava a fraqueza. Ninguém tem o direito de chorar. O seu nome inscreve-se agora ao lado dos de Che e de outros revolucionários da América Latina, que cairam lutando pela causa dos explorados, pela Revolução operária e camponesa.

Nós lançamos um apelo às forças progressistas e revolucionárias de todo o mundo, para que organizem uma ampla campanha de solidariedade com a sua companheira, Carmen Castillo, para impedir Pinochet e os seus esbirros de a assassinar ou torturar.

GLÓRIA E HONRA A MIGUEL ENRIQUEZ, O SECRETÁRIO-GERAL CAÍDO!  
FAREMOS DO NOME DE MIGUEL A BANDEIRA DE LUTA DOS OPRIMIDOS!  
O MIR NÃO SE RENDE!  
A ESPINGARDA DO SECRETÁRIO-GERAL CAÍDO NO COMBATE ESTÁ EM NOVAS MÃOS, A RESISTÊNCIA POPULAR VENCERÁ!  
VIVA A REVOLUÇÃO OPERÁRIA E CAMPONESA DO CHILE!

EDGARDO ENRIQUEZ  
Membro da Comissão Política do MIR

Paris, 7 de Outubro de 1974.



Política pensavam e pensam que a direcção do Partido deve estar no Chile. O MIR aplicará integralmente

## EDITORIAL

A crise económica do capitalismo português dá cada vez mais sinais. Ameaça a ITT semicondutores, fazer uma redução de produção que se vai traduzir em despedimentos. Notícias-se que há fugas de capitais clandestinamente; e há levantamentos na ordem dos 18 milhões de contos desde 26 de Abril a Agosto. Os capitalistas portugueses procuram manter em condições a alternativas de salvação na Suíça.

Há "lok-out" nos têxteis de Barcelos, que ameaça despedir 1300 operários; na Soares da Costa, no Porto, as Forças de ordem protegem o patrão, contra os trabalhadores, solidários com os despedidos.

O capitalismo português tece a sua teia e inventa soluções para salvar a pele. Afinal a "democracia" que tão bons resultados tem dado ao capitalismo francês, suíço, alemão, não permite em Portugal a roupagem europeia. O capitalismo português armado toma medidas. Golpe Palma Carlos, golpe da maioria silenciosa, apoio a Spínola, tentativas progressivas de endurecimento do poder, não surtiram efeito. Mas a burguesia não pára — trata-se de salvar grandes privilégios, para os próprios e para os "herdeiros". Trata-se em muitos casos de salvar a pele. Há tempestade, o barco pode afundar-se, os ratos inquietam-se a bordo.

O "Governo no exílio" é uma manobra não de toda ridícula — um "governo" dá consistência política e dá razões para ajudas externas. Porque não?

Quanto a "ajudas externas", a CIA estudará a melhor maneira de fazer o golpe. Críticos conservadores acusam os serviços secretos dos EUA de terem sido "desajeitados" na sua intervenção (secreta, evidentemente) na deterioração da situação portuguesa. E correm boatos nos EUA de que a CIA teria tentado manipular a manifestação da "maioria silenciosa" em Lisboa de maneira a forçar o G. Spínola a desembarçar-se de colaboradores julgados perigosos pelos americanos.

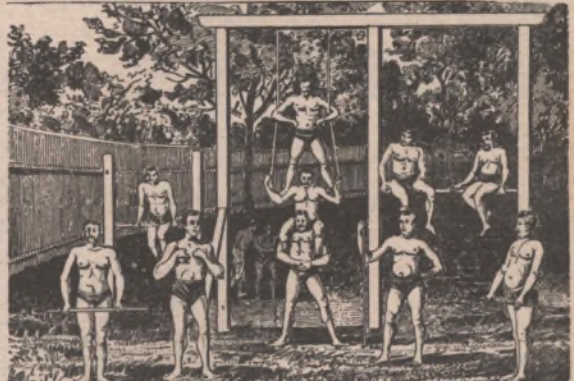
A imprensa estrangeira tem-se feito eco nas últimas semanas deste "segredo" de teias de aranha montada pela CIA.

E alguns jornais portugueses noticiaram vindas de personalidades da CIA a Portugal e mesmo contactos com o Governo (anterior ao 28 de Setembro), que foram confirmados pelo embaixador dos EUA e que até hoje não foram desmentidos.

Parante a ofensiva do capitalismo nacional e internacional há duas tácticas distintas. A reformista, que propõe um Governo de coligação de classes, que propõe a paragem das lutas dos trabalhadores, — que projecta a solução dos problemas no acto eleitoral. E a revolucionária, que diz que não há lugar para os trabalhadores num Governo de coligação, porque é o Governo da burguesia na sociedade capitalista, que diz que é na luta que os trabalhadores se organizam e fortalecem, não esquecendo que o inimigo é o patrão, e que diz que não é possível o socialismo por eleições. Estas duas posições sempre se enfrentaram ao longo da história do movimento operário. A primeira sempre constituiu um suicídio que acaba em desastres como no Chile e que objectivamente se transforma numa traição. A segunda foi a via possível para todas as revoluções socialistas.

Mais tarde ou mais cedo dar-se-á em Portugal o confronto entre a burguesia e os trabalhadores, entre os que estão do lado da burguesia e os que estão do lado dos trabalhadores. Haverá também quem esteja no meio e seja esmagado em qualquer hipótese.

Por isso é urgente que os trabalhadores se organizem no sentido desse confronto. É um risco a correr, mas é a única possibilidade do fascismo não passar



FELIZ INSTANTÁNEO DOS MEMBROS DO RECENTÍSSIMO FORMADO "GOVERNO NO EXILIO", ALGURES, EM ESPANHA, GRITANDO EM CORO "PORTUGAL, PORQUE TE QUIERO TANTO". REGISTE-SE PLEASE